

O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA E AS NOVAS TECNOLOGIAS

CARVALHO, Caroline Teles

carol.teles@ig.com.br

COUTO, Aulia de Sá

auliacouto@yahoo.com.br

LIMA, Elisabete Marques

elisa06sand@yahoo.com.br

BERGER, Maria Amália Façanha. (Orientadora)

Mestre em Educação (UFS); Graduada em Letras Português/Inglês (UFS); Prof^ª do curso Letras-Português da Universidade Tiradentes – UNIT.

amaliafberger@yahoo.com.br

RESUMO

O presente artigo apresenta uma reflexão a respeito da aplicação das novas tecnologias da informação e da comunicação (NTIC) ao processo de ensino-aprendizagem de língua portuguesa. Foram conduzidas pesquisas bibliográfica e de campo e foram entrevistados docentes e discentes de seis escolas do ensino fundamental das redes pública e privada da cidade de Aracaju a respeito dos usos das NTIC nas aulas. Ficou evidente a necessidade de haver práticas cada vez mais relevantes que envolvam as habilidades de leitura e escrita, tendo os recursos tecnológicos como grandes aliados das aulas de Língua Portuguesa. O artigo destacou a figura do professor, o qual precisa estar cada vez mais consciente de que seu papel mudou, passando de mero transmissor de informações para mediador e motivador da curiosidade do aluno em produzir textos de forma espontânea, ou seja, em produzir conhecimento, através das inúmeras possibilidades de uso dos recursos tecnológicos no contexto escolar.

Palavras-chave: Língua Portuguesa, NTIC, leitura, escrita.

1. INTRODUÇÃO

Todos os setores da sociedade estão sendo alvo da nova era global, e com ela, surgem muitas desigualdades, entre as quais se destacam: o trabalho, o capital, as etnias e religiões, as relações entre sociedade e natureza, todas elas envolvidas num mesmo intuito, na globalização do capitalismo. Segundo Ianni (2001, p. 25):

A sociedade global não é somente uma realidade em constituição, que começa a mover – se como tal, por sobre nações e impérios, fronteiras e geopolíticas dependências e independências. Revela – se visível e incógnita, presente e presumível, indiscutível e fugaz, real e imaginaria. De fato está em constituição, apenas esboçada aqui e acolá, ainda que em muitos lugares apareça inquestionável, evidente. São muitos os que tem duvida e certezas, convicções e ceticismos sobre ela.

Nesse nível de sociedade global e de um universo de objetos, existem as novas tecnologias da informação e da comunicação, que fazem parte desse momento e que surgem acompanhadas por uma nova maneira de relacionamento entre: economia, ciência, política e novas formas de trabalho. Com isso, o conceito de espaço é modificado e surgem outras lógicas ligadas à idéia de tempo e à forma como as pessoas se comunicam. O mundo está tendo que se habituar com novas formas de escrita: a escrita transcrita por mensagens, imagens, abreviações etc. Tudo isso faz parte do novo conceito de sociedade trazido pela era da globalização.

Nesse contexto, é importante entendermos que a globalização não tem nada a ver com homogeneização, já que há no mundo um universo de diversidades, desigualdades e conflitos, conforme afirma Ianni (2001, p. 30):

A sociedade está sendo tecida por relações. Processos e estruturas de denominação e apropriação, integração e antagonismo, soberania e

hegemonia. Trata – se de uma configuração histórica problemática, atravessada, pelo desenvolvimento desigual, combinado e contraditório.

O que vivemos hoje trata-se de uma nova realidade que está a nossa volta fazendo com que os indivíduos interajam, fazendo com que haja uma mistura de cor, raça, religião dialetos, a fim de proporcionar o conhecimento e aprimoramento de culturas até então desconhecidas. Ou seja, o mundo vive uma nova era, onde tudo se desenvolve com mais agilidade, rapidez e velocidade. É um universo de desafios, medos, angústias, mas também de denominação, aprimoramento, preponderância, oposição de idéias, de autoridade, etc. A população vive um momento chamado: “Era da modernidade”, em que o uso e novas ferramentas tecnológicas ganham destaque.

O final do século XX tem se desenvolvido marcado pelo acelerado processo de globalização nos diversos campos do conhecimento. Uma de suas marcas é a velocidade com que evolui a tecnologia, principalmente com o surgimento e depois pela socialização da Internet, no final da década de 80, o que facilitou a vida e, ao mesmo tempo, foi um obstáculo para os que não tem acesso fácil a ela. Não há dúvidas de que essa ferramenta tecnológica tem contribuído para a melhoria na comunicação, para a melhoria na qualidade de serviços por conta da rapidez com que os serviços são executados.

A facilidade que essa nova tecnologia nos dá é visível. No âmbito pessoal, um indivíduo que esteja em qualquer lugar do mundo pode estar conectado aos acontecimentos que se fazem presentes no mundo. Através da Internet, pode-se também encontrar um bom emprego, iniciar relacionamentos de amizade e até mais íntimos (namoros), e várias outras facilidades. Nesse âmbito, a utilização da Internet acaba

criando em seus usuários, uma nova forma de linguagem, menos formal, com mais agilidade e precisão na sua construção.

Esse novo meio de se comunicar ultrapassa o meio formal e a escola precisa entender esse momento para poder adaptar suas práticas pedagógicas, políticas educacionais e conteúdos programáticos à nova lógica social global. Nesse sentido, o presente artigo apresenta uma reflexão a respeito da inserção das novas tecnologias da informação e da comunicação ao processo de ensino-aprendizagem de língua portuguesa.

Para isso, foi conduzida uma pesquisa de campo para colher dados junto a 100 alunos, em seis escolas do ensino fundamental (6º ao 9º ano), das redes pública e privada da cidade de Aracaju a respeito dos usos das NTIC nas aulas. Também foi conduzida pesquisa bibliográfica com autores que tratam dessa temática: Tecnologia e Ensino.

2. O USO DA TECNOLOGIA EM CONTEXTO DE ENSINO

A sociedade está passando por várias transformações, e cabe à escola, juntamente com os professores, estarem atentos a essas novas mudanças, pois à medida que as novas tecnologias avançam, é necessário que as escolas e os professores as acompanhem de perto. Hoje, são funções da escola preparar os alunos para pensar, refletir, tentar resolver problemas, não só em nível pessoal, mas já visando a sua preparação para o mercado de trabalho, que está cada vez mais competitivo e exigente.

Esse papel da educação tem por objetivo, portanto, a formação do indivíduo mais crítico, para que participe direta e indiretamente da sociedade. Segundo Bastos

(1997), a educação no mundo de hoje tende a ser tecnológica, o que vai exigir o entendimento e interpretação de tecnologias. Desta forma, a educação precisa estar focada na realidade, e deve-se pensar numa educação com objetivos mais amplos, e que tenha a responsabilidade de formar um cidadão consciente de seus direitos e deveres.

No entendimento de Pereira (1996), a educação tecnológica implica a formação de profissionais habilitados sem perder de vista a finalidade última da tecnologia que é a de melhorar a qualidade de vida e da educação. Seguindo essa idéia, o reconhecimento de uma sociedade cada vez mais tecnológica deve ser feito a partir da conscientização e necessidade de incluir nos currículos escolares a necessidade de lidar com esse novo conceito de educação, com as novas tecnologias, fator presente e que não pode ser ignorado, pois já faz parte da realidade de todos.

Diante disso, uma nova postura é exigida da educação e do educador, em relação a desenvolver novas formas de conduzir o ensino, mostrando, a partir delas, que há novas formas de interação social e de conduzir os alunos uma autonomia intelectual, principalmente quando a Internet, as novas tecnologias são inseridas na vida escolar, pois, como diz Guimarães (1998, p.28-33):

Hoje não há problemas em acessar, mas sim em transformá-las em conhecimento, em aprender a interagir, cooperar. Portanto, o professor não deve somente responder às consultas, deve, pois, provocar desafios, colocar questões relevantes para promover o debate entre os participantes.

O educador, nesse contexto de mudança, deve saber conduzir os alunos, orientá-los quanto ao uso dessa nova ferramenta e mostrar os benefícios e malefícios trazidos por ela. Deve ser o condutor na busca do aperfeiçoamento intelectual e investigativo de seus aprendizes. Frente a novas tendências que surgem a cada dia, é preciso ter os professores como agentes indispensáveis no processo de ensino da

aprendizagem, no sentido de que sejam promovidas, por eles, novas práticas pedagógicas e novas formas de refletir sobre os conhecimentos e usos dessa nova ferramenta tecnológica.

Tedesco (2004, p.20) afirma que a educação vive um tempo revolucionário, e percebemos tal fato na aproximação entre educação e novas tecnologias da informação e comunicação. Segundo ele, “Com o aparecimento das NTIC se inicia uma nova revolução educacional cujos alcances apenas conseguimos vislumbrar”. O autor também entende que a educação, como empresa social, é uma produção, de um tipo humano determinado culturalmente, visto que a tecnologia da instituição escolar vem por fim a um ensino de tipo clássico atrelado a um estilo aristocrático.

Em relação às implicações que mudanças tecnológicas já provocaram na sociedade e ainda provocam, Tedesco (Ibidem, p. 24) declara que:

[...] foi só com a imprensa que uma verdadeira revolução se deu, ao ficar a escrita registrada em textos que poderiam ser produzidos facilmente, mas também o livro e os periódicos demoraram a se massificar e só nas últimas décadas experimentam uma explosão.

Refletindo sobre a relação existente hoje entre educação e mundo do trabalho, percebe-se que há uma situação de tensão da primeira com a estrutura atual do trabalho e com o processo do mercado empregatício. Isso porque vivemos num período de incertezas. Sobre essa questão, na visão de Tedesco (Ibidem, p.28), “O conteúdo de trabalho das ocupações está mudando rapidamente em muitos casos e gerando, portanto, novas demandas de competências, destrezas e conhecimentos”.

Percebe-se que o problema da educação atual é como ofertar acesso a ela sem promover exclusões. A instituição deixa de ser o principal meio de informação para novas gerações e deve competir com outros meios, como a internet. Na visão de

Tedesco (Ibidem, p. 36), os indivíduos devem processar cada vez mais informação, filtrar, discriminar, pesar, valorizar, reter, combinar, “Assim a revolução tecnológica das informações, uma das fontes das interconexões globais, representam uma força transformadora da tarefa social”.

Outro aspecto que merece relevância é o fato de que:

Na sociedade contemporânea, o jovem passa a maior parte do tempo na frente da televisão e do computador e não em companhia de seus amigos, nem de seus professores, nem de outros adultos. Mais tempo na frente da televisão acarreta diminuição no interesse pela leitura, maiores possibilidades de obesidade e passividade psíquica, índices mais altos de violência, agressiva e medo da violência real (Ibidem, p.60).

A escola, portanto tem que se adaptar a essa realidade e entender que a tecnologia não deve mais aparecer como um elemento estranho, pensado de modo instrumental. A sala de aula tradicional, com aulas expositivas permanece sendo a tecnologia predominante; contudo, a sua incorporação ao projeto contemporâneo lhe impõe um novo contexto de necessidades externas que acabarão por atravessar a própria escola.

Sancho (2000, p.17) discorre a respeito da versatilidade do computador que o torna adaptável a qualquer perspectiva de ensino e aprendizagem. A autora afirma que “Atividades tradicionais foram afetadas pelas TIC, praticamente todas as ocupações se transformam algumas sumiram e outras surgiram”. Lembramos do curso de datilografia, só treinávamos a rapidez, a posição dos dedos nas teclas. Agora, com o curso de informática são trabalhados também os programas de computador, com ações mais significativas. Outro elemento relevante proposto pela autora é que:

As correntes condutivistas e neocondutivistas do ensino viram o computador como máquina de ensino, tutor inteligente por excelência. Toda atividade

medida por ele pressupõe o desenvolvimento de capacidades cognitivas e metacognitivas” (Ibidem, p.21).

Com isso, vale ressaltar que muitos docentes que manuseiam computadores encontram obstáculos para adaptar suas práticas docentes e expectativas às novas formas como seus alunos aprendem. No entendimento de Sancho (Ibidem, p. 32): “Classes devem se tornar locais em que o professor e o aluno se comuniquem de modo interativo entre si, e com especialistas e companheiros na localidade, na cultura e no globo”.

Com isso, entende-se que inserir as TIC como novas ferramentas educacionais e saber usá-las de forma eficaz, é um processo contínuo que resulta no envolvimento da comunidade educativa. Cabe às escolas integrarem os novos meios para todos os alunos em todos os aspectos do currículo, com treinamento contínuo de seu corpo docente.

“Moran (2006, p.133) considera a tecnologia um instrumento que contribuiu para o processo de ensino-aprendizagem”, mas resalta que ela ainda não é valorizada como deveria para tornar o processo de ensino-aprendizagem mais eficiente e mais eficaz, apesar de reconhecer que não é o simples uso da tecnologia por si só que vai solucionar o problema da educação no país.

Outra idéia interessante de Moran (Ibidem, p. 141): “No processo de aprendizagem o aluno assume papel de aprendiz ativo e participante, sujeito de ações que levam a aprender e mudar seu comportamento”. O autor entende que o docente é quem faz o papel da mediação pedagógica. No tocante às técnicas, estas necessitam ser selecionadas conforme o objetivo desejado, para que os discentes aprendam.

O referido autor resalta, inclusive, a necessidade do trabalho com técnicas que incentivam a participação do estudante, discutindo e pesquisando o conteúdo

proposto. Ele também comenta a necessidade de se diversificarem estratégias com o propósito de motivar e responder aos inúmeros ritmos de aprendizagem.

Espera-se que a escola possa passar valores e padrões de condutas sociais da sociedade em que vivemos e que é imprescindível, nesse sentido, entender que os avanços tecnológicos levaram a sociedade a ter outras necessidades e não adianta o docente usar vários recursos tecnológicos computacionais sem o devido preparo técnico e metodológico.

3. O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA E AS NOVAS TECNOLOGIAS

A formação do professor de língua portuguesa é cada vez mais questionada, quanto aos seus métodos de ensino e práticas pedagógicas. O professor, dentro desse contexto de ensino, parece atravessar uma crise no eixo educacional. A ele não cabe mais o papel de guardião, e sim de introdutor de novas práticas quanto ao uso dessa língua, que a cada dia sofre mudanças, levando-nos a criar novos conceitos. Com isso, há grandes críticas ao ensino atual, quando alguns docentes ainda insistem em dar enfoque maior ao ensino descontextualizado da gramática.

É fato que muitas pessoas são excluídas e criticadas por não falarem “corretamente”, porque a sociedade cobra a norma culta, mas apenas reforçar os conhecimentos gramaticais não garante o sucesso no sentido de formar cidadãos críticos que se comunicam com eficácia.

No entendimento de Castilho (2002, p.27), “A gramática não é o lugar de certezas abstratas, nem é apropriado transferir nossa capacidade de reflexão para os

autos de uma gramática, por melhor que ele seja”. Ou seja, pelo fato da gramática normativa só marcar o certo e o errado, ela está fragmentada, descontextualizada, e hoje sabemos que estudar qualquer língua implica o desenvolvimento, também, e principalmente, da interpretação de texto.

Cabe a nós contribuímos para a reformulação e reflexão desse ensino. Na verdade, já são visíveis tais mudanças, mas os professores que adentram esse novo contexto de ensino, ainda recebem muitas críticas. As pessoas pedem mudanças, mas quando o assunto é inovar, muitos profissionais docentes sentem-se inseguros ou simplesmente são contrários a mudanças por representarem um novo desafio, o que dificulta a adaptação da escola à realidade movida pela força das novas tecnologias da informação e da comunicação (NTIC).

Muito se tem criticado o sistema de ensino brasileiro, mas há diferentes fatores que também contribuem para o atual quadro crítico: o distanciamento da família do aluno da realidade escolar, devido, em muitos casos, à longa jornada de trabalho dos pais, o desinteresse pela leitura, os altos preços dos livros, a falta de boas bibliotecas comunitárias etc. Enfim, essa problemática, aliada aos usos da nova ferramenta tecnológica que já atinge todas as camadas sociais, a Internet, estão intensificando as discussões sobre a qualidade do ensino de língua portuguesa.

Quando computadores e a Internet são inseridos no contexto escolar, é preciso refletir a respeito do que diz Tedesco (2001, p. 70): “A construção do conhecimento da comunidade é tarefa das pessoas e não dos aparatos”. Isso porque a informação por si só não acarreta conhecimento, e a simples comunicação não implica a existência de uma comunidade, nem que apenas por usar computadores os problemas educacionais serão resolvidos. Muito pelo contrário, eles podem até ser intensificados se os profissionais docentes não mudarem suas práticas pedagógicas

para atenderem às atuais necessidades de nossa sociedade globalizada, como por exemplo, a formação de cidadãos críticos, capazes de resolver conflitos e de trabalhar em equipe.

Na concepção de Paulo Freire (1997, p.90), “Em qualquer caso o estudo exige uma atitude séria e curiosa na procura de compreender as coisas que observamos”. Ou seja, no caso da leitura, não significa só decodificar o que está escrito, é entender o que está sendo dito. Portanto, o professor não pode mais ficar em sala apenas jogando informações no quadro ou transferindo tudo para a tela de computadores enquanto os alunos apenas copiam e reproduzem conteúdos. Estamos numa nova era, devemos buscar outras formas de ensinar e aprender.

A leitura proporciona informação, mas somente a exposição ao conteúdo não assegura a possibilidade de transformá-lo em conhecimento; deve-se exigir, mais do que qualquer coisa, pensamento lógico, raciocínio e juízo crítico. Fulgêncio (2001, p. 210) afirma algo interessante e relevante: que “Ensinar a ler não é uma tarefa exclusiva do professor de português, compete a qualquer docente selecionar ou elaborar textos”.

O esforço conjunto de todos os professores certamente contribuirá para que o aluno aprimore a leitura e tenha uma noção do que está ocorrendo no mundo. No caso do ensino de Língua Portuguesa, devem-se trabalhar textos contextualizando os assuntos da disciplina com outras da matriz curricular, enfocando a oralidade, a escrita, a leitura e a gramática.

Ao contrário disso, observa-se que o ensino atual bloqueia as razões naturais e pensamentos para escrever e depois há a queixa de que os alunos não querem escrever. Como incentivar a prática da escrita e da leitura se muitos professores, por exemplo, estipulam o número de linhas das produções escritas de seus

alunos, usando método sistematizado, ultrapassado de ensino? Antunes (2003, p.75), no entanto, ressalta que “alguns vestibulares conseguiram tirar do centro de interesse a análise puramente metalingüística que tinha nos programas de ensino”, o que de certa forma é positivo, pois antes, a atenção aos assuntos era na forma e ordem das classes gramaticais, mas agora é preciso focar a interpretação textual.

Outro fator positivo está nas gramáticas que trabalham com a interpretação de vários tipos de textos como: comerciais, quadrinhos, figuras que levam o aluno a desenvolver outras habilidades, estimulando a curiosidade em saber o porquê do uso de certas palavras ou imagens. O aluno deve estar pronto para se expressar em quaisquer situações, do formal ao informal.

Há um forte apelo hoje, de que o ensino, ao lidar com textos, trabalhe cada vez mais com o desenvolvimento da intelectualidade dos alunos, dando base para os ideais de justiça, paz, solidariedade e liberdade; com isso, o docente consciente tem o desafio de mudar a forma de ensinar. É crucial entendermos que deve haver uma interação, cada vez maior, entre discente, docente e conteúdo.

Nesse sentido, tomando o que Pierre Levy (1996, p. 77) afirma: que “o conhecimento poderia ser apresentado de três formas diferentes: oral, escrita e digital”, cabe ao professor realizar atividades práticas, usando o ambiente informatizado da escola, quando este é disponibilizado. As bibliotecas tradicionais deixam de ser o único meio de se encontrar informação, para as novas gerações. As bibliotecas virtuais, por exemplo, disponibilizam livros para leitura sem a necessidade de se deslocar ou ter o risco de não encontrarem a obra.

E mais, na Internet encontramos mais do que texto, conforme diz Moran (2006, p. 85):

É com a Internet que podemos desenvolver formas de comunicação com destaque para a escrita. Estimula a forma de

escrever mais aberta, hipertextual, conectada, multilingüística, aproximando texto e imagem.

Ainda há escolas em que os professores desenvolvem projetos em que os estudantes escrevem cartas para os colegas. Ao tomarmos o novo perfil de nossa sociedade globalizada e informatizada, esse tipo de prática torna-se antiquada, pois as pessoas se comunicam enviando torpedos por celular, mensagens pelo Orkut, MSN, seria mais estimulante para a nova geração enviar e-mail. Por que não, então, usarmos essa condição a nosso favor para estimularmos nossos alunos a escreverem? Mas de forma consciente, claro, para não cairmos no que Antunes (2003, p.79) diz: que “nas aulas de língua portuguesa observamos a improvisação, a pressa e a falta de preparo”. O profissional docente precisa estar bem preparado metodologicamente, principalmente quando inserimos novas tecnologias à prática escolar.

Em suas reflexões sobre os diferentes usos de computadores e da Internet, Moran (2006, p.23), ressalta que:

a linguagem audiovisual desenvolve múltiplas atitudes receptivas, solicita constantemente a imaginação, e reinveste a afetividade com um papel de medição primordial no mundo, enquanto a linguagem escrita desenvolve mais rigor, a organização, a abstração, e a análise lógica.

É preciso saber usar a Internet, por exemplo, de forma eficiente nas aulas de língua portuguesa para que não se perpetue o que Antunes (2005, p. 104) aponta como grande falha, que “os professores selecionam os conteúdos, pois é mais fácil cobrar gramática que só terá uma resposta, e usam o texto somente como pretexto para o ensino de gramática”, ou seja, não é trabalhada a interpretação textual com os alunos.

Uma visão positiva sobre os usos da Internet a ser destacada aqui é a de Marcuschi (2005, p.145), o qual defende que:

(...) o meio digital faz com que jovens envolvidos por interação no canal virtual escrevam com liberdade e percebam que a escrita pode ser aceita e entendida, pode gerar compreensão na área digital, desfazendo a crença imposta principalmente por instituição de ensino de que apenas a notação escrita “correta”, das palavras.

Desta forma, o professor de língua portuguesa com o intuito de acompanhar a nova tendência, precisa inserir e usar métodos que mostrem aos alunos que tipo de escrita deve ser usada em várias situações. É preciso que a escola enxergue as manifestações criativas encontradas nas conversas da Internet, o chamado Internetês e que saiba tirar proveito disso, orientando seus alunos quanto ao momento e lugar apropriados para o uso de tal linguagem, para que não se caia em relações de preconceito lingüístico.

É preciso ressaltar que o importante é que se estabeleça comunicação e Neves (2004 p.19) afirma que “a disciplina escolar gramatical não pode reduzir-se, a uma atividade de encaixamento em moldes que dispensem as ocorrências naturais e ignorem zona de impressão, ou de oscilação, interesses à natureza viva da língua”.

Segundo a autora, a escola é o espaço institucionalmente mantido para orientação do bom uso lingüístico, e com a incumbência de ativar uma constante reflexão, sobre a língua moderna, as relações entre uso de linguagem e atividades de análise lingüística e de explicação da gramática. Portanto, ela entende que a língua não é um sistema único, abriga um conjunto de variantes, e que estas não pode ser encaradas como defeito e aí podemos inserir a linguagem da Internet.

Ainda sobre as reflexões sobre o foco no ensino da gramática, Neves (2004, p.20) afirma que “um manual de gramática não pode agir-se á descrição de um padrão irreal, e portanto, de estatuto ilegítimo”. Frisa que os conflitos que se manifestam no tratamento de gramática como empreendida pela escola são muitos, porque estão sem

resolução. Os grandes problemas que se ligam a inserção sociocultural das línguas naturais e com destaque para o Brasil, à forte consciência de uma relação entre qualificação social e desempenho lingüístico de registro valorizado. Ainda citando Neves (Ibidem, p. 29):

toda vez que se fala em gramática é necessário especificar-se muito claramente de que é que se está falando, exatamente. É possível ir desde a idéia de gramática como “mecanismo geral que organiza as línguas até a idéia de gramática como disciplina.

Sabemos que para o profissional docente ser considerado bom e eficiente no que faz é necessário que ele se aperfeiçoe continuamente, obtendo títulos, participando de reciclagens, cursos, que se atualize sempre com diferentes leituras, etc. Entretanto, o mais importante é o entusiasmo, a paixão por aquilo que se faz, acreditar que se é capaz.

O professor de língua portuguesa não deve ser limitado ou escravo de livros ou teorias, mas antenado com a vida, comprometido tanto com a tradição como a modernidade, evoluindo sem temer o novo, fiel à sua consciência sempre preocupado em dar e fazer o melhor. Ele precisa reconhecer que as novas tecnologias podem facilitar o seu trabalho no sentido de incentivar a produção textual, a exemplo do **blog**, que é, a princípio, um diário digital e pode ser utilizado pelo professor de Língua portuguesa ou de literatura como ferramenta atual de divulgação dos trabalhos de seus alunos. Ele é de fácil edição, atualização e manutenção dos textos em rede produzidos pelos alunos.

Há pelo menos, dois fatores que justificam a popularidade do blog na produção dos textos pessoais: a ferramenta é popular, porque dispensa conhecimento especializado em informática para a sua utilização e por ser gratuito, ou seja, ainda não se paga por seu uso ou hospedagem do blog, no site que oferece o serviço. Essa

ferramenta pode ser utilizada para expressar sentimentos, principalmente, na forma escrita e por meio de imagem e som. Não se trata de exibição da vida particular de celebridades, mas do cotidiano e das histórias de pessoas comuns.

Segundo o que foi esclarecido na entrevista feita com o criador do blog (Willians, 2001): “Weblog é um diário virtual, onde você pode disponibilizar pensamentos, idéias e tudo que você imaginar na internet”. O blog é concebido como um espaço em que o escrevente pode expressar o que quiser na atividade da sua escrita, com a escolha de imagens e de sons que compõem o todo do texto veiculado pela Internet.

Observa-se que palavras e expressões usadas no meio digital, no blog principalmente, são abreviadas ou reduzidas, até o ponto de se converterem em uma ou duas ou três letras, exemplo: ñ (não), aki (aqui), ki (que), tb (também), fds (fim de semana) e tantas outras. Muitos entendem isso como um grave problema que pode afetar negativamente o processo de escrita. Contudo, não seria apropriado afirmar que internautas estejam escrevendo errado, mas sim estabelecendo um processo que a mensagem chega a um refinamento expresso com um número menor de (caracteres) possíveis. Segundo Marchuschi (2005, p.34), o qual tem uma visão positiva a respeito dessa forma de comunicação digital:

A alteração da grafia das palavras seria transgressão intencional das regras ortográficas da Língua Portuguesa, com o objetivo de adequar a linguagem ao meio, poupar tempo na escrita, criar um dialeto identificador da (cibertribo).

Cabe, portanto, aos professores, estimular o uso desse recurso tecnológico para despertar o interesse dos alunos pela a escrita. Marcuschi (Ibidem, p.125) também afirma que o “tratamento da gramática nas escolas, é que esse

tratamento se tem feito como se a gramática fosse alguma entidade postíça a que só teremos acesso se sairmos dos textos”, ou seja, abstrairmos os usos.

Tal fato não pode acontecer, pelo fato de que a gramática de uma língua em funcionamento não se faz de regras absolutas. A disciplina escolar não pode ficar alheia ao funcionamento da linguagem, mas na escola é comum não se refletir junto com os alunos sobre o que realmente representa “falar e escrever melhor”.

Neves aborda um fato que merece relevância. As tiras e as histórias em quadrinhos que os livros disponibilizam, mostrando as representativas de atividade de interlocução. Essas peças poderiam levar a várias reflexões referentes a atividades de linguagem e para a introdução do aluno na observação dos processos de constituição do enunciado. Na maioria das vezes surgem nos livros como curiosidades ou unicamente para garantir ao livro um atestado de encorajamento com o mundo vivido pelos estudantes.

O ensino de gramática em nossas escolas tem sido ineficiente, apegando-se a regras de gramática normativa que são estabelecidas de acordo com a tradição literária clássica, da qual é tirada a maioria dos exemplos. Tais regras e exemplos são repetidas anos a fio como formas “corretas” e “boas” a serem imitadas na expressão do pensamento.

Nas aulas notamos uma deficiência em relação às atividades de produção e compreensão de textos, grande parte das aulas são direcionadas ao aprendizado e utilização dos mesmos tópicos gramaticais como: classificação de palavras e sua reflexão, análise sintática do período simples e composto a que se acrescentam ainda noções de processos de formação de palavras e regras de regência e concordância, bem como regras de acentuação e pontuação. Como bom registro, Nedem (1992, p.56) afirma:

a gramática, é dada para se cumprir um programa previamente estabelecido sem se levar em conta as dificuldades ou não dos alunos no emprego que fazem efetivamente da linguagem, nessa ou naquela ocasião, num processo de interação verbal.

Embora reconheça problemas básicos no fato de se gastar muito tempo das aulas com o ensino de teoria gramatical, o professor não consegue mudar fundamentalmente de atitude e passar a fazer um ensino diferente daquele que se tem desenvolvido desde há muito em nossas escolas. Talvez essa resistência obstinada à mudança se deverá, sobretudo, ao que bem lembraram Cassenti e Ilari (1987): a imagem que a sociedade tem do ensino da língua materna e de como deve ser o professor leva cada um a repetir um modelo recebido, buscando mais legitimar o seu papel do que fazer algo que represente um ensino significativo para a vida de seus alunos.

Ao ensinarmos a gramática, queremos que o aluno domine a língua, para ter uma competência comunicativa nessa língua, mas como diz Geraldi (1993, p.16):

é preciso entender que dominar uma língua, não significa apenas incorporar 'um conjunto de itens lexicais (o vocabulário)' e aprender 'um conjunto de regras de estruturação de enunciados'.

Aprender a língua, seja de forma natural no convívio social, seja de forma sistemática em uma sala de aula, implica sempre reflexão sobre a linguagem, sobre a constituição e funcionamento da língua.

Não há menor dúvida de que o ensino e a aprendizagem da língua portuguesa são considerados difíceis e enfadonhos. Não existem fórmulas infalíveis de se chegar ao aluno, com aprovação e receptividade. O Professor de língua portuguesa não é só professor de gramática. É ser polivalente. Por tal, entenda-se, relacionar-se bem com leitura, literatura, filologia, antropologia, sociologia, porque efetivamente uma língua viva se funda em tudo isso.

Além disso, o professor deve estar informado das exposições, filmes, ler jornais e revistas, para ter o conhecimento do que acontece em diferentes formas em que se apresenta a Língua portuguesa. A gramática, com todo o seu fundamento faz-se necessária porque reflete a estrutura do sistema lingüístico, revelando a tradição da língua no que ela tem de verdadeiro, de necessário e eterno. No entanto, não deve ser o foco maior das aulas de Língua Portuguesa.

A figura do professor deve estar desvinculada daquela imagem de quem é acomodado, abrindo o livro de gramática e lendo conceitos ou usando o livro didático como muleta e não complemento. Não poderá chegar e dizer: “Hoje vamos aprender sujeito e predicado. Sujeito é ... Predicado é ...”. Não poderá fazer seminários infundáveis sobre assuntos teóricos, dividindo-os para o aluno apresentar (decorar) e “despejar” para a turma que continuará sem nada a entender.

O professor também não poderá se esconder atrás (dentro) da gramática, repetindo o que ali está escrito, não deixando espaço para que o aluno respire, reflita e exponha suas dúvidas. Deve ser crítico e fazer com que seus alunos exerçam o sentido da crítica, conhecendo teorias diversas, sem medo de ser avançado demais ou tradicional, lembrando-se de que ele tem direitos e deveres, não sendo indiferente ou neutro. Muito menos temer alguma pergunta embaraçosa que não possa responder corretamente e imediatamente.

Conforme já apresentado ao longo deste estudo, a escola precisa se preparar no sentido de atender às atuais necessidades de nossa sociedade globalizada, e uma das medidas a ser tomada é em relação aos diferentes usos das novas tecnologias da informação e da comunicação, principalmente da Internet. Há ainda grandes resistências da parte de professores e até mesmo de alunos quanto ao uso do computador.

Tendo essa preocupação em mente, foi conduzida uma pesquisa em seis escolas do ensino fundamental (6º ao 9º ano), sendo duas da rede particular de ensino: Centro Educacional Prof. José Sebastião dos Santos e a Escola Adventista, e as demais da rede pública: Escola Estadual 8 de julho, Escola Municipal Tancredo Neves, Escola Estadual Monteiro Lobato e Escola Estadual Leandro Maciel. O objetivo foi descobrir como alunos e professores vêm os usos de computadores e Internet no meio educacional.

Foram entrevistados 100 alunos e, em relação à pergunta: Como você considera as práticas das aulas de Língua Portuguesa utilizando os recursos tecnológicos?, mais de 50% disseram considerar as práticas das aulas com recursos tecnológicos ótima, enquanto 7% não aprovou essa iniciativa.

Outra questão abordada foi no tocante à assimilação dos conteúdos e 88% dos estudantes pensam que os recursos tecnológicos possibilitam melhor compreensão, sendo que 77% dos alunos responderam que gostam de fazer pesquisa na Internet enquanto 6% entende que é melhor pesquisar tanto em livros como na Internet, porque um complementa o outro. 56% vêem as novas tecnologias como um instrumento de independência, pelo fato de ser mais cômodo, é só digitar o tema e surgem várias sugestões de site para escolher.

Constatamos que mais de 50% dos alunos acessam a Internet em *lan houses* próximas de suas residências. No entanto, é ainda reduzido seu uso para fins de pesquisas escolares. Constatou-se que 83% dos jovens entrevistados vão às *lanhouses* para jogar, enviar mensagens e entrar nas salas de bate papo. Eles admitiram que usam a Internet para estudos, quando a professora pede para que façam trabalhos de pesquisa. 17 responderam que não acessam a internet em nenhum local.

Dentre os 30 professores entrevistados, grande parte atuante tanto na rede particular como na rede pública de ensino, 26 responderam que acessam a internet só nas suas residências; os demais a acessam em *lanhouses*, visto que não apresentam condições financeiras para adquirir computadores.

Outra pergunta foi quanto à capacidade de lecionar utilizando recursos tecnológicos. 25 professores alegaram que estão aptos, enquanto os outros 05 não se consideram preparados. 28 professores afirmaram que preparam as aulas pesquisando novidades como: textos e músicas que englobam os conteúdos das disciplinas, mas que não sobra tempo para conversar com colegas de outras disciplinas para combinarem o conteúdo para a realização de projetos interdisciplinares de extensão.

Uma das questões aplicadas aos docentes do ensino fundamental refere-se ao momento de correção das redações. Se a linguagem utilizada pelos alunos se confunde com a linguagem chamada internetês. 24 docentes afirmaram que sim. Outra questão abordada nesta pesquisa foi quanto ao uso do computador. 27 dos docentes entrevistados alegaram que o uso desse recurso que engloba a linguagem virtual pode ser considerado como um elemento de competição com a leitura e com a escrita.

25 professores entrevistados acreditam que os recursos tecnológicos vão desempregar muitos profissionais da educação, por substituírem a função de docente. No entanto, é um pensamento errôneo, pois mesmo com essas novas tecnologias, o papel do professor será de extrema importância no processo de ensino –aprendizagem, porque será um mediador do conhecimento.

4. CONCLUSÃO

As reflexões aqui apresentadas apontam para a seguinte conclusão: de que alguns docentes, apesar de estarem aptos a usarem computadores, não fazem uso desse

recurso em suas aulas. E mais, entende-se que uns ainda mantêm uma postura tradicional, um pouco distantes da realidade da nova era. No entanto, a sociedade passa por grandes transformações e isso exige que os professores adotem uma nova postura.

Ao invés de verem nas novas tecnologias uma ameaça, deveriam considerá-las como aliadas da sua profissão. Além disso, grande parte dos estudantes preferem aulas inovadoras, menos enfadonhas, que despertem a criatividade e o interesse pela disciplina e eles se sentem atraídos pela tecnologia.

Diante disso, concluímos que o profissional docente precisa repensar sua prática e começar a tirar proveito dos aspectos positivos das ferramentas tecnológicas, com o propósito de aprimorar sua tarefa de facilitador do processo de ensino-aprendizagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Irandé. **Aulas de Português. Encontro e interação.** São Paulo: Parábola, 2005.

AZEREDO, José Carlos. **Língua Portuguesa em debate.** Petrópolis: Vozes, 2002.

BASTOS, Neusa Barbosa. **Língua portuguesa: pesquisa e ensino.** São Paulo: PUC, 2007.

CASTILHO, Ataliba. **A língua falada no ensino de português.** São Paulo: Contexto, 2002.

CALKINS, Lucy Mccarmick. **A arte de ensinar a escrever.** Porto Alegre: Artmed, 2002.

FERREIRA, Anise. **Relatos de experiências de ensino e aprendizagem de Línguas na internet.** São Paulo: Mercado das Letras, 2004.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler.** São Paulo: Cortez, 2002: p. 87.

FULGÊNCIO, Lúcia; LIBERATO, Yara. **A leitura na escola.** São Paulo: Contexto, 2001.

GERALDI, João Wanderley. **Aprender e ensinar com texto de alunos.** São Paulo: Cortez, 2001.

GRINSPUN, Mírian. P.S.Zippin (org.). **Educação tecnológica desafios e perspectivas.** São Paulo: Cortez, 2001.

GUIMARÃES, Elisa. **A articulação do texto.** São Paulo: Ática, 2006.

IANNI, Otávio. **A era do globalismo.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

KATO, Mary A. **No mundo da escrita.** Uma perspectiva. Uma nova perspectiva psicolinguística. 7ed. São Paulo: Ática, 2003. p. 144.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **A inter-ação pela linguagem.** São Paulo, Contexto, 1998:4ed.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias das Inteligências: O futuro do pensamento na era da informática.** Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Gêneros Textuais emergentes no contexto da tecnologia digital**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

MORAN, José Manuel. **Novas Tecnologias e mediação pedagógica**. 10^a ed. São Paulo: Papyrus, 2006.

MERCADO, Luís Paulo Leopoldo. **Formação continuada de professores e novas tecnologias**. Maceió: Cortez, 1999.

NEDER, Maria Lúcia Cavalli. **Educação a distância: sobre discurso e práticas**. Brasília: Liber Livro, 2005.

NEVES, Antônio Maurício Castanheira. **Educação tecnológica: desafios e perspectivas**: São Paulo; Cortez, 2001.

PEREIRA, João Manuel Dias. **A educação tecnológica e os novos programas**. Portugal: Asa, 1993.

RAMAL, Andréia Cecília. **Educação na Cibercultura**: Porto Alegre: Artmed, 2002.

SANCHO, Juana Maria. **Tecnologias para transformar os recursos educativos**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

TEDESCO, J. **O novo pacto educativo**. São Paulo: Cortez, 2002.

TEDESCO, Juan Carlos. **Educação e novas tecnologias: esperança ou incerteza?**. Brasília: Cortez, 2004.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e Interação**. São Paulo: Cortez, 1999.

WILLIAMS, Edwin B. **Do latim ao português: fonologia e morfologia históricas da Língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1981.